

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

TAISA BARCELOS CLAUDINO DINIZ

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA INFLUÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL DA CRIANÇA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

TAISA BARCELOS CLAUDINO DINIZ



**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E SUA INFLUÊNCIA NO
DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL DA CRIANÇA**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de .Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof. Me. Janete Santa Maria Ribeiro

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

A Contação de Histórias e Sua Influência no Desenvolvimento Cognitivo e Emocional
da Criança

Por

Taisa Barcelos Claudino Diniz

Esta monografia foi apresentada às 19:30 h do dia 03 de abril de 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Paranavaí, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof^a. Me Janete Santa Maria Ribeiro
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof. João Enzio Gomes Obana
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Lairton Moacir Winter
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof. Lucas Schenoveber dos Santos Junior
UTFPR – Câmpus Medianeira

Dedico este trabalho aos meus queridos pais que, desde cedo me ensinaram a trilhar no doce caminho das palavras.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus pais, pela orientação, dedicação e incentivo durante toda minha vida.

Ao meu esposo Fabiano, por estar sempre ao meu lado, me auxiliando e me apoiando em todas as metas e participando de minhas conquistas.

A minha orientadora professora Me. Janete Santa Maria Ribeiro pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“... Ler foi sempre maravilha, gostosura, necessidade primeira e básica, prazer insubstituível... E continua, lindamente, sendo exatamente isso!”. (FANNY ABRAMOVICH)

RESUMO

DINIZ, Taisa B. C. A Contação de Histórias e sua Influência no Desenvolvimento Cognitivo e Emocional da Criança. 2014. 56 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho busca esclarecer o quanto a oralidade foi perdendo seu espaço num mundo altamente tecnológico, onde as pessoas se comunicam muito mais virtualmente do que pessoalmente; busca resgatar o valor das conversas familiares, das histórias contadas e repassadas por gerações; busca mostrar que estas mesmas histórias que hoje já não têm muito valor, surgiram há séculos passados e continuam a exercer forte influência no desenvolvimento emocional das crianças, contribuindo profundamente na formação de sua personalidade e interiorização de valores, visto que a falta deste, tem sido um dos maiores problemas de nossa sociedade atual, onde predomina a falta de controle próprio, o desrespeito ao próximo, a violência e a saúde emocional totalmente comprometida. Além de todos estes fatores, neste trabalho buscou-se esclarecer que a contação de histórias também traz inúmeros benefícios para o desenvolvimento cognitivo, estimulando a criatividade, o senso crítico, a oralidade, a desinibição, a leitura gerada pelo prazer de buscar nos livros as mesmas histórias ouvidas. Além destes assuntos abordados, ainda foi discorrido sobre recursos que educadores contadores de histórias podem utilizar para tornar este momento ainda mais prazeroso e especial, como por exemplo, fantoches, marionetes, dobraduras, entre outros; por fim há sugestões de como tornar os momentos de leitura em sala de aula ainda mais dinâmicos e com atividades para explorar a história lida ou contada, visando sempre despertar o gosto pelas histórias e o desejo de viajar no fantástico mundo das palavras.

Palavras-chave: Educador. Leitura. Infantil. Narração.

ABSTRACT

DINIZ, Taisa Barcelos Claudino. The Storytelling and its Influence on the Child's Cognitive and Emotional Development. 2014. 56 pages. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This paper seeks to clarify how orality was losing its space in a highly technological world where people communicate much more virtually than in person , seeks to recover the value of family conversations , and told the stories passed on for generations , seeks to show that these same stories which today no longer have much value , emerged centuries ago and continue to exert a strong influence on the emotional development of children , deeply contributing in shaping your personality and internalization of values, since the lack of it, has been one of the biggest problems our current society , dominated by lack of self- control , disrespect to others , violence and emotional health fully committed . Besides all these factors , this study we sought to clarify that the storytelling also brings numerous benefits for cognitive development , encouraging creativity , critical thinking , oral communication, disinhibition , reading generated by the pleasure of looking at the books same stories heard. Besides these issues addressed , was still discoursed about features that counters educators can use stories to make this moment even more special and enjoyable , such as puppets , puppets , origami , among others , and finally there are suggestions on how to make the moments of reading even more dynamic and class room activities to explore the story read or told , always aiming to arouse the taste for stories and wanderlust in the fantastic world of words .

Keywords: Educator. Reading. Kids. Narration

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	13
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	14
3.1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM AS PALAVRAS	14
3.2 A ORALIDADE NO DECORRER DO TEMPO	16
3.3 A LITERATURA INFANTIL HOJE	19
3.4 O NASCIMENTO DOS CONTOS MARAVILHOSOS	21
3.4.1 O Poeta Charles Perrault	21
3.4.2 La Fontaine e o Resgate das Fábulas	22
3.4.3 Irmãos Grimm e a Sensibilidade da Literatura Clássica Infantil	23
3.4.4 Hans Christian Andersen: o Poeta da Infância	23
3.5 OS CONTOS DE FADAS E SEU EFEITO SOBRE O EMOCIONAL	24
3.5.1 Reforçando Valores por Meio das Histórias	31
3.6 CONTAR HISTÓRIAS INCENTIVANDO O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO	34
3.6.1 A Literatura na Sala de Aula	36
3.6.2 A Imaginação e as Histórias Sem Textos	39
3.6.3 Escolhendo a História Ideal	40
3.6.4 Dinamização no Momento da Contação e da Leitura	42
3.6.4.1 Incentivando a leitura com práticas diferenciadas	42
3.6.5 E Depois da História?	44
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXO	51

1 INTRODUÇÃO

Vivencia-se a Era das tecnologias e informações desenfreadas, na qual a internet e a televisão exercem grande poder em transmitir, mas também em manipular as informações que repassam aos seus telespectadores.

É possível perceber, quando em com os pequenos, que muitos estão a cada dia mais alienados a um sistema capitalista, que incentiva o consumismo e egoísmo; e estão a cada dia menos interessados em aprender, em obter conhecimento, serem críticos, pensantes, explorarem todo potencial cognitivo que possuem.

A internet exerce fascínio, porém faltam acompanhamento e orientação dos pais para que seu uso seja benéfico e venha acrescentar no desenvolvimento infantil.

A criança está cada vez mais cercada de meios de comunicação, porém está cada vez mais isolada. Vive em seu mundinho de *vídeo game*, *tablet*, celular, computador e tv.

As crianças já não brincam de faz de conta, de pega-pega, de roda. As propagandas televisivas incentivam à compra de brinquedos como se fossem essenciais para a alegria e felicidade infantil, iludindo-as. Mas com o tempo aquele objeto já não tem mais importância e é só mais um, jogado num canto.

Estas crianças desmotivadas por obter conhecimento, chegam às nossas mãos todos os dias, tornando o ato de dar aula, especialmente de Literatura, um grande desafio.

Desafio que tenta, muitas vezes, apenas com um livro e a voz, transportar a criança a um mundo imaginário, de fantasias, de faz de conta, onde animais falam, existem fadas e bruxas, gnomos e gigantes, príncipes e princesas, prontos para encenarem as mais belas, enigmáticas, surpreendentes, engraçadas, tristes, inesperadas histórias.

Nossas crianças estão cheias de expectativas.

O educador precisa usar toda essa expectativa em seu favor. Lançar-se a este desafio.

O desafio de tornar o momento da contação ou da leitura, um momento de viagem, na qual a criança viverá cada momento da história, e sentirá na pele tudo aquilo que seu personagem favorito enfrentar.

Ao iniciar a pesquisa havia a necessidade de buscar a fundo e resgatar o valor e a importância que as histórias infantis tiveram outrora na vida e no desenvolvimento de crianças. Importância esta, que mesmo não sendo palpável, contribui grandemente para uma formação emocional saudável e um desenvolvimento cognitivo rico e crítico.

Na fundamentação teórica explorou-se sobre este tema tão amplo, de forma que poderá ser melhor compreendido.

Buscou-se apresentar como as histórias interferem no desenvolvimento da criança desde os primeiros meses de vida, ressaltando que o mesmo aprende ainda sendo um feto, respondendo a estímulos externos, em especial, aos realizados pela mãe, além dos efeitos emocionais que os contos de fadas podem acarretar para as crianças. Bettelheim em sua obra mais conhecida, A psicanálise dos contos de fadas, comprova inúmeras vezes a contribuição de cada conto específico para a formação emocional de uma criança.

Posteriormente, destacou-se o quanto as histórias podem incentivar o desenvolvimento cognitivo, ou seja, a criança que ouve histórias, futuramente terá prazer em ler, e deste modo, irá desenvolver maior criticidade, maior raciocínio e imaginação.

O trabalho apresenta maneiras diversas de contar histórias e como tornar a leitura um momento de prazer, destacando os interesses em cada faixa etária, e também recursos que podem ser adotados para tornar o momento mais prazeroso.

E finalmente a pesquisa expõe como explorar contos e histórias em sala de aula, como recurso didático, visto que este é um grande desafio enfrentado pelos docentes, sendo notável o mau uso da literatura por muitos deles, tornando-a algo forçado, desinteressante e repetitivo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta pesquisa optou-se por abordar um trabalho de cunho bibliográfico descritivo, buscando por autores diversificados que discutem e esclarecem sobre o tema escolhido.

Segundo Neves (2013), a pesquisa bibliográfica compreende em um levantamento de um tema pré-determinado, com bases extraídas de diferentes fontes como, artigos de revistas, bibliotecas digitais, livros, teses, anais, periódicos, entre outros, podendo ser nacionais ou internacionais.

É importante que seja criada uma estratégia na seleção dos materiais escolhidos, principalmente quando a pesquisa é feita em bibliotecas digitais, começando pela escolha dos títulos, em seguida analisando partes do texto, para depois fazer uma leitura mais elaborada. Embora este seja apenas um exemplo de estratégia, fica a critério do pesquisador adotar um modo que considere eficaz.

Este texto resultou em uma lista de referências autorais diversificada, na qual o pesquisador se fundamentou para debater, esclarecer, comparar opiniões e estruturar o seu trabalho.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM AS PALAVRAS

A Literatura Infantil tem feito parte do conteúdo programático das escolas por muitos anos. No decorrer deste tempo, diversos educadores têm buscado dinamizar suas aulas visando despertar no aluno o prazer pelas palavras, em especial pela leitura.

Mas é possível notar que grande parte dos alunos não se sente atraída por textos, menos ainda por livros. As tecnologias ganharam espaço e a atenção das crianças e dos jovens.

Entende-se que o ouvir precede o ler, desta maneira o estímulo a ouvir histórias deve acontecer desde os primeiros meses de vida, pois se sabe que, até mesmo o bebê estando no ventre da mãe, já é sensível à sua voz.

A Revista Super Interessante, (edição 130), publicou em julho de 1998 um estudo intitulado por O Feto Aprende, no qual destacou as inúmeras percepções e aprendizagens que o bebê desenvolve ainda no útero da mãe, sendo algumas delas o humor, sentimentos, distúrbios de comportamento, entre outros. Um fato a se destacar é que a partir do quarto mês de gestação a atividade cerebral do bebê começa a decifrar os sentidos e o mesmo reage a sons e a toques, e começa a criar um forte e afetivo vínculo com a mãe.

Não são só químicos os estímulos intrauterinos que podem influir na personalidade de quem vai nascer. A partir do quarto mês, já há vários sentidos desenvolvidos, inclusive a audição. (...) Hoje se sabe que o inquilino do útero fica bem mais protegido dos ruídos internos do que se imaginava (na verdade, os resultados anteriores tinham sido obtidos com microfones de má qualidade) e se encontra mais exposto aos sons que vêm de fora. (BURGIERMAN, 1998)

A sensibilidade a qual o bebê está exposto enquanto está no ventre é intensa e ele é um participante ativo em todo o processo gestacional, ao contrário do que se imaginava antigamente.

Segundo Aline Moreira Lucena, em entrevista concedida a página virtual Uol, aos cinco meses de gravidez, o feto já entende a intensidade, o ritmo e o tamanho

das palavras. A partir de então, todos os sons que o feto capta, principalmente a voz dos pais, serão de suma importância para que ele forme seu próprio repertório após o nascimento. Por conta disso, especialistas concordam ser fundamental que os pais conversem com a criança antes mesmo que ela nasça:

A musicalidade da mãe ao conversar com o bebê é um sinal de prazer, do encantamento e da surpresa que ela sente ao falar com o filho. Ao falar com ele, explicar, contar histórias, a mãe convence o filho de que ele é um ser da comunicação, um interlocutor. A criança vai se apropriando dessa condição e se coloca nesse lugar com prazer em atuar. (PAIVA, 2013)

Mesmo na antiguidade, com a ausência de estudos profundos e comprovações científicas, já se falava da comunicação entre o feto e o que o cerca exteriormente. Como exemplo, podemos citar o hábito dos gregos, no qual incentivavam suas mulheres a contemplarem as estátuas dos deuses que ficavam nos templos, para que desta maneira, as qualidades dos mesmos fossem transmitidas aos bebês ainda no ventre.

Outro exemplo, também antigo, é o que está presente na Bíblia, narrando o momento em que Isabel, a mãe de João Batista encontrou-se com Maria, quando esta estava no início da gestação, e no momento do encontro, João, ainda no ventre agitou-se com movimentos fortes.

Com a riqueza de recursos técnicos que hoje temos à disposição da ciência, é possível compreender e explicar estes fatos. Estando no útero da mãe, a criança está intimamente ligada à suas emoções, tais como, alegria, tristeza, nervosismo, irritação, ódio, amor, influenciando desta forma, o desenvolvimento e as características emocionais do bebê.

Desta maneira a mãe pode estimular seu bebê oralmente, com cantigas, músicas e também com histórias, ao mesmo tempo em que proporciona para o mesmo, um momento de intimidade, proximidade e carinho.

Em sua página virtual, a revista Crescer, por intermédio do jornalista Yuri Vasconcelos nos esclarece:

O psiquiatra canadense Thomas Verny, (...) acredita que o feto é capaz de experimentar sentimentos como temor e ansiedade, que são desencadeados pela liberação de adrenalina no sangue da mãe quando ela está sob estresse. Os movimentos do feto no útero podem sugerir sensações de agrado ou desprazer. Pontapés e

movimentos bruscos, por exemplo, seriam uma resposta a algo que lhe desagradou. (VASCONCELOS, 2009)

Os pais que possuem conhecimento destas informações certamente buscam uma gravidez tranquila para que o bebê possa desenvolver-se de maneira sadia. Ao contrário disso, ao se ter uma gravidez conturbada, pode vir a nascer um bebê irritadiço e até mesmo com problemas de desenvolvimento emocional.

Desde sua concepção, o desenvolvimento emocional da criança passa por etapas; e nestas etapas ela progride, cresce, amadurece, vai vivendo novas experiências que ficam registradas em sua memória celular.

Segundo Volpi:

Cada etapa é caracterizada por fenômenos específicos que desde o início trazem consigo, na bagagem genética da célula, valores biofisiológicos, emocionais-afetivos e intelectivos. E são esses valores que serão transmitidos para todas as demais células do corpo durante todo o processo de desenvolvimento e que, aos poucos irão sendo acrescidas das experiências que a criança vivenciar. (VOLPI, 2006)

Quando estas etapas se completam, já na adolescência, o caráter se estabelece definitivamente, ou seja, “o caráter específico de cada indivíduo é a resultante de todas as experiências ocorridas desde a concepção até a maturidade” (LOWEN, 1982, p. 149).

Cada etapa é de fundamental importância na vida do ser humano. Desde sua concepção, passando por sua infância, até o término de sua adolescência, ele vai interiorizando valores, saberes, criando símbolos, formando sua personalidade e seu caráter.

3.2 A ORALIDADE NO DECORRER DO TEMPO

Vivencia-se uma era de tecnologias e informações aceleradas, onde os meios de comunicação estão substituindo as relações pessoais. As crianças estão cada vez mais atraídas pela TV, pelos computadores, pelos *tablet's*, e desinteressadas dos livros e das histórias contadas pelos pais e avós. A tecnologia

substituí o prazer em criar cenas imaginárias, pois a mídia entrega o conteúdo pronto e acabado para seu telespectador.

Desta forma, a geração atual encontra-se a cada dia mais despercebida do valor que há em uma roda de conversa familiar, das longas histórias contadas pelos avós, das experiências vividas, das lendas repassadas por gerações.

Nas décadas passadas, onde não havia televisão nem computador, muitas vezes a família se reunia em torno de uma fogueira ou de um lampião, e ali passavam os melhores momentos em família. Nestes momentos se divertiam ao som de algum instrumento, ou ouviam um rádio de poucos recursos (que demorava horas para que fosse recarregado, mas que a carga esgotava-se rapidamente), ouviam a história da família, sempre contada pelo pai ou pelos avós; neste momento, mesmo o pai trabalhador e cansado, dispunha de tempo para estar com sua esposa e seus filhos. Isso os aproximava.

Hoje vemos, muitas vezes, pais que trabalham excessivamente para darem boas e confortáveis condições aos filhos, satisfazer-lhes caprichos e não deixar que nada lhes falte. As crianças fazem aulas particulares de natação, de língua inglesa, informática, de violão, de dança, entre outros.. quando estão em casa fixam-se na tv, na internet e no vídeo game. E assim, a infância passa sem se darem conta de que o melhor da vida está sendo perdido... não tem faz de conta, pega-pega nem brincadeiras de roda. Não tem casinha de papelão, subir em árvores, não tem joelhos ralados... nem doces recordações da infância.

A vida diária dessas crianças está superlotada de atividades extras, que não podem ser consideradas desnecessárias, pois em algum momento certamente lhes serão úteis, mas em excesso acrescentam conhecimentos específicos e subtraem experiências de vida.

Momentos de diálogo e interação familiar estão se tornando cada vez mais escassos, o individualismo está ganhando espaço dentro das casas, onde as pessoas estão próximas, porém ausentes. Cada um em seu silêncio.

É de extrema necessidade que os pais mantenham diálogo com os filhos, tenham consciência da importância de despertar a criança para o mundo das palavras, das conversas sadias; que lhes cantem músicas, e também contem histórias.

Abramovich (1991) nos diz:

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais... contados durante o dia – numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada (ABRAMOVICH, 1991, p.16).

Bruno Bettelheim , em sua famosa obra “A psicanálise dos Contos de Fadas” (2002, p.4), relata sua experiência como educador e terapeuta de crianças consideradas perturbadas, onde acreditava que estas necessitavam restaurar significado para suas vidas. Bettelheim (2002) alegava que se a criança recebesse uma criação de modo que, sua vida fosse significativa, não precisariam de ajuda especial. Assim, procurou encontrar quais experiências a criança deveria viver para promover sua capacidade em dotar a vida de mais significados.

O autor ainda afirma:

Com respeito a esta tarefa, nada é mais importante que o impacto dos pais e outros que cuidam da criança; em segundo lugar vem nossa herança cultural, quando transmitida à criança da maneira correta. Quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor este tipo de informação. (BETTELHEIM, 2002, p.4)

A oralidade deve existir desde sempre na vida da criança, para que ocorra o despertar do interesse por histórias, livros, leituras, desta maneira “os adultos têm um papel decisivo na iniciação que poderá transformar-se em prazer ou desprazer quase que definitivos” (YUNES 1989, p. 56)

Mas diante de tantas atrações tecnológicas que o mundo globalizado nos traz, porque ainda contar histórias?

Não é possível encontrar apenas uma resposta para esta questão. E Busatto pode listar diversos motivos para aderir essa prática:

As respostas que encontrei para esta indagação foram diversas, e neste percurso procurei me situar numa progressão de diferentes níveis da realidade que passam do plano material ao espiritual, pois creio que contar histórias é uma atitude multidimensional. Ao contar histórias atingimos não apenas o plano prático, mas também o nível do pensamento, e, sobretudo, as dimensões do mítico-simbólico e do mistério. Assim, conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias; manter a História

viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado (BUSATTO, 2011, p. 46).

A contação de histórias nunca deixou de ser um recurso extremamente sedutor e atrativo, que usado da maneira correta pode aproximar a criança tanto do adulto, quanto para o mundo da leitura. Ao se encantar com narrativas, certamente as crianças encontrarão o caminho dos livros, das leituras, das histórias divertidas, emocionantes, intrigantes, assustadoras.

É notável que, atualmente nem todas as crianças têm a primeira experiência em ouvir histórias por meio de algum familiar, pois os pais andam sobrecarregados de trabalho, chegam em casa depois de um dia de trabalho exaustivo e acabam por não sentirem ânimo e energia para ainda contar histórias. Mas criar filhos não é uma tarefa fácil, e a maior parte das vezes os pais precisam abrir mão do descanso em frente a televisão ou computador e dispensar tempo aos filhos.

Educar é também desfrutar o prazer de estar junto numa atividade gostosa. É descobrir que sempre há mais energia do que pensamos ter, e que ela poderá ser dirigida para preparar o sono do filho, por exemplo. Há que ter disponibilidade, e se lançar com o coração. (BUSATTO, 2011, p.46)

É evidente que, infelizmente o contato com o mundo das palavras, da escrita e da leitura esteja sendo tardio para muitas crianças, e que a imaginação e criatividade das mesmas estão sendo podadas e impedidas de crescer em sua fase mais extraordinária. Além disso, falta-lhes auxílio para suas inquietantes emoções, porém, não se deve desistir de despertar nelas o doce encanto que há nas histórias.

3.3 A LITERATURA INFANTIL HOJE

A literatura sempre teve a função essencial de atuar sobre as mentes, segundo afirma Coelho (2000, p. 29), sendo responsável pelas ações; e sobre os espíritos, que respondem pelas emoções, desejos, e todos os outros sentimentos.

Quando em contato com a literatura, o ser humano pode transformar-se, enriquecer sua experiência de vida de maneira que nenhuma outra atividade pode proporcionar.

Mas, o que é Literatura Infantil?

Coelho, responde este questionamento de forma clara:

Literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...(COELHO, 2000, p. 27).

Anteriormente, em tempos remotos, a criança era vista como “adulto em miniatura”, por isso as antigas obras literárias não possuíam linguagem apropriada à mesma, então as histórias precisaram passar por adaptações para que fossem compreendidas no mundo infantil.

De acordo Corsino (2010), com o avanço dos estudos na área da Psicologia, foi possível reconhecer que o livro infantil não é um mero brinquedo, nem apenas um recurso para entreter um aluno em sala de aula, mas que o livro e as histórias possuem forte influência no desenvolvimento e estruturação na formação da personalidade de um indivíduo.

Na educação infantil, o texto literário tem uma função transformadora, pela possibilidade de as crianças viverem a alteridade, experimentarem sentimentos, caminharem em mundos distintos no tempo, no espaço em que vivem, imaginarem, interagirem com uma linguagem que muitas vezes sai do lugar-comum, que lhes permite conhecer novos arranjos e ordenações. Além de agenciar o imaginário das crianças, de penetrar no espaço lúdico e de encantar, a literatura é porta de entrada para o mundo letrado. Porta que se abre à face criativa do texto escrito, a arte e sua potência transformadora. (CORSINO, 2010, p.184)

Encontram-se à disposição no mercado, inúmeras obras literárias destinadas às crianças. A diversidade é grande e há histórias para todos os gostos e ocasiões. Livros para divertir, para ensinar os números, as vogais, sobre sexualidade; livros que cantam, imagens que saltam das páginas, livros com dedoches; livros de tecido, de plástico, enfim, uma infinidade de livros visualmente encantadores, porém o conteúdo destas obras deixa a desejar.

A qualidade da Literatura escolhida para contar para a criança deve ser considerada seriamente, para Coelho (2000, p.43) a literatura destinada às crianças

é uma base necessária, pois é o meio ideal que além de auxiliá-las no desenvolvimento de suas potencialidades naturais, também as auxilia nas diversas etapas de amadurecimento que transpassam desde a infância até a fase adulta.

Para Corsino (2010, p. 188), “um bom texto direcionado às crianças pequenas seria aquele que não interessa somente a elas, mas também aos jovens e adultos. Estes textos precisam também incluí-las nas interações textuais, além de possuírem significado, coerência, coesão e progressão.” Lembrando que, a qualidade não está baseada na extensão do livro, pois há diversos livros curtos de qualidade inquestionável, como *A Margarida Friorenta*, de Fernanda Lopes de Almeida.

Mesmo as crianças que ainda não são alfabetizadas são consideradas leitores ouvintes, pois não estão impedidos de interpretar o que ouvem e veem nos livros. Nestes momentos, segundo Corsino (2010, p.189), a criança pode exercer sua autonomia, compartilhando e reelaborando os significados que adquire nestas interações.

No que diz respeito à ilustração do livro infantil, é essencial observar se ela estabelece relação com o texto, para que complemente e acrescente ao outro, extrapolando a leitura oral, ganhando sua própria dimensão, artística e criativa.

Para Corsino (2010, p. 193) “ao escolher um livro de qualidade, muitos pontos devem ser levados em conta como, tamanho, capa, formato, cores, contracapa, fonte e tamanho da letra, qualidade do papel, dados bibliográficos dos autores e ilustradores, pois tudo isso faz parte da contextualização da obra”.

Todo o quesito gráfico da obra precisa ser analisado cuidadosamente, pois será o que irá atrair inicialmente o ouvinte ou o leitor da mesma.

3.4 O NASCIMENTO DOS CONTOS MARAVILHOSOS

3.4.1 O Poeta Charles Perrault

Segundo Abramovich (1991, p.123), em 1697, na França, Charles Perrault, poeta e advogado renomado da corte, famoso por ser autor de várias obras para

adultos, registra e publica a primeira coletânea de contos infantis da História da Literatura. Em seu livro, reuniu diversas histórias contadas pelo povo, sendo estas conhecidas até o dia de hoje: Chapeuzinho Vermelho; O Gato de Botas; A Bela Adormecida no Bosque; O Barba Azul; Cinderela ou A Gata Borralheira; Henrique do Topete e o Pequeno Polegar.

Seus contos foram escritos em versos, porém a autoria foi concedida ao seu filho Pierre Perrault, e o mesmo presenteou a neta de Luís XIV, que reinava neste período histórico. Pouco tempo depois, Perrault faz sua segunda publicação, acrescentando mais três contos: Grisélidis, Pele de Asno e Desejos Ridículos.

Nos contos de Perrault percebe-se que ele sempre respeitou a história tal como o povo contava, mesmo sendo cruel, de cunho moral ou poética. Sobre estes contos, Jesualdo apud Abramovich (1991, p.123), afirma que Perrault “mistura a criação popular à sua imaginação de escritor, dando detalhes e minúcias reais nos contos encontráveis e característicos de sua época. São obras primas”.

3.4.2 La Fontaine e o Resgate das Fábulas

Neste mesmo período surge outro nome com influência intelectual na corte francesa: Jean de La Fontaine.

La Fontaine se empenha em resgatar pequenas e antigas histórias de cunho moralista, chamadas Fábulas. Seu esforço não se limita apenas às histórias contadas pelo povo, mas suas fontes vão mais além, na antiguidade, buscando as Fábulas de Esopo (Grécia), Fábulas de Fedro (Roma), coletâneas orientais, medievais, e até mesmo parábolas bíblicas.

La Fontaine dedicou-se por vinte e cinco anos reunindo textos e reescrevendo-os em versos, dando-lhes o nome de Fábulas de La Fontaine. “Suas fábulas eram verdadeiros textos cifrados, que denunciavam as intrigas, os desequilíbrios ou as injustiças que aconteciam na vida da corte ou entre o povo” (COELHO, 2008, p.28).

Algumas das suas fábulas mais conhecidas são: O Leão e o Rato; O Lobo e o Cordeiro; A Cigarra e a Formiga; A Raposa e as Uvas; A Leiteira e o Pote de Leite. Para Coelho (2008, p.28) todas as suas fábulas possuíam grande sabedoria prática

que jamais envelheceu, porque é alicerçada na essência da natureza humana, que mesmo no passar de milênios continua sendo a mesma.

3.4.3 Irmãos Grimm e a Sensibilidade da Literatura Clássica Infantil

Charles Perrault fez surgir o gênero Literatura Infantil, porém apenas um século depois, na Alemanha, este gênero foi definitivamente constituído e espalhado por toda a Europa e Américas, graças aos irmãos Grimm.

Jacob e Wilhelm eram grandes estudiosos e percorreram por toda a Alemanha interagindo com o povo, ouvindo-lhes e transcrevendo tudo que coletavam. A intenção inicial dos irmãos não era escrever para os pequenos, porém em 1815 Wilhelm utilizou “seu material fantástico de forma sensível e conservando a ingenuidade popular, a fantasia e o poético ao escrevê-lo” (ABRAMOVICH, 1991, p.123).

Suas maravilhosas narrativas formaram a coletânea que conhecemos por Literatura Clássica Infantil, na qual fazem parte contos como: A Bela Adormecida; Branca de Neve e os Sete Anões; A Gata Borralheira; Chapeuzinho Vermelho; Os Músicos de Bremen; Joãozinho e Maria, entre tantos outros que são conhecidos mundialmente.

Por conta da crueldade e violência explícita em algumas narrações, especialmente praticadas contra crianças, os irmãos Grimm as retiraram e assim “o sucesso desses contos abriu caminho para a criação do gênero Literatura Infantil” (COELHO, 2008, p.30)

3.4.4 Hans Christian Andersen: o Poeta da Infância

A partir de 1835, o dinamarquês Hans Christian Andersen, completou o acervo literário infantil, publicando ao longo de quarenta e dois anos, 168 contos, dentre eles, 156 especialmente para crianças.

Coelho descreve em doces palavras a essência das obras de Andersen:

Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais da fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o “vale de lágrimas” que cada um tem de atravessar para alcançar o céu. (COELHO, 2008, p.30)

Embora seus contos sejam maravilhosos, não deixam de falar da realidade do dia a dia, que é marcada por egoísmo e injustiças, em decorrência disso muitos de seus contos são tristes e com finais trágicos.

Suas obras mais conhecidas são: O Patinho Feio; O Soldadinho de Chumbo; A Pequena Vendedora de Fósforos; Os Sapatinhos Vermelhos; Os Cisnes Selvagens; A Roupas Nova do Imperador; João e Maria; A Rainha de Neve, entre outros.

Para Abramovich (1991, p. 123) Andersen é filho do povo, por isso seus contos refletem sua infância, sugerindo padrões de comportamento que se adequariam ao momento que estavam vivendo em sociedade.

Seus contos exploram diversificados valores ideológicos características do Romantismo, como por exemplo, a defesa dos direitos iguais, valorização das coisas naturais e não artificiais, valorização da pessoa por suas qualidades e não posição social, etc.

Sua obra é tão fascinante que “Nele o maravilhoso é a sua própria alma e seu mundo inteiro, seu mundo vivo, produto de sua própria vida. É o poeta da infância.” (JESUALDO apud ABRAMOVICH, 1991, p.123).

3.5 OS CONTOS DE FADAS E SEU EFEITO SOBRE O EMOCIONAL

Os contos de fadas surgem no universo infantil trazendo assuntos pertinentes às dificuldades e problemas enfrentados diariamente pela criança. Estes contos falam de assuntos que, muitas vezes a criança não consegue expressar. Bettelheim (2002) afirma:

Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles, pode-se aprender mais sobre os

problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil. (BETTELHEIM, 2002, p. 13)

De fato, os contos de fadas vão além do entretenimento, pois enriquecem as experiências infantis, estimulam a imaginação, e ajudam a criança a desenvolver seu intelecto. Desta maneira, compreendem as próprias emoções e dificuldades, levando-a a reconhecer que há solução para seus problemas.

Uma grande variedade de assuntos pode ser abordada indiretamente por meio da contação de histórias clássicas como, por exemplo, a questão da existência do mal.

O mal é uma característica marcante dos contos de fadas. Se há mal, também existirá o bem, que levará a criança a se identificar com o herói ou heroína, de maneira inconsciente, resolvendo suas próprias situações, enfrentando seus medos, e alcançando um equilíbrio futuro.

Bettelheim defende a presença do mal contido nas histórias infantis, e alerta para o fato de que as histórias modernas omitem o mal, exaltando apenas as virtudes:

Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo.

O mal não é isento de atrações - simbolizado pelo poderoso gigante ou dragão, o poder da bruxa, a astuta rainha na “Branca de Neve” – e com frequência se encontra temporariamente vitorioso. [...] A cultura dominante deseja fingir, particularmente no que se refere às crianças, que o lado escuro do homem não existe, e professa a crença num aprimoramento otimista (BETTELHEIM, 2002, p.7).

O autor acredita que não é o fato de o malfeitor ser punido ao fim da estória, que fará a mesma ter cunho moral, isto é apenas um complemento limitado, mas sim a atração exercida por todas as lutas e aventuras vividas pelo herói ou heroína, que além de levar a criança a se identificar com os mesmos, ainda saem vitoriosos ao final. Essa identificação acontece inconscientemente na criança e por conta própria.

É comum e característico os contos de fadas apresentarem problemas existenciais categoricamente, levando a criança a reconhecê-los de maneira

essencial e simplificada, permitindo a ela compreender as entrelinhas sem explicações ou intervenções adultas.

Os contos de fadas também falam de amor, de infinitas maneiras de amar, algumas com finais felizes, outras tristes, como em O Soldadinho de Chumbo, de Andersen, que ao narrar todas as aventuras vividas pelo pequeno soldadinho, encerra restando apenas um coração de chumbo e a lanterna de sua amada bailarina. Para Abramovich, esta história faz brotar fortes sensações:

Meio que faz queimar também o coração do leitor sentir que a morte do amado pode levar ao suicídio a amada e que, dessa relação de encantamento mútuo, feita através de olhares, fica um símbolo forte e indestrutível: a marca do sentimento... (ABRAMOVICH, 1991, p.126).

Há também os contos que falam do crescer, da transição infância/adolescência e de toda a curiosidade que surge em conhecer o mundo, e conhecer a si mesmo. Peter Pan e o Pequeno Polegar são alguns exemplos excelentes, que tratam do assunto com sabedoria e magia. O primeiro reflete muitos desejos infantis: a valentia de Peter em lutar, sua sorte em voar, sua responsabilidade em cuidar dos outros meninos perdidos... o segundo, narrando as aventuras de um pequeno, que saiu pelo mundo afora vivendo muitas aventuras, mas no fundo querendo conhecer mais a si mesmo.

A Gata Borralheira (também conhecida como Borralheira, Cinderela, ou Sapatinho de Vidro), recontada por Perrault, leva a criança a viver todos os infortúnios que a pobre enteada sofria. Mas igualmente leva a criança a viver toda a fantasia e encantamento que a fada madrinha lhe proporciona, até que finalmente um pequeno sapatinho de cristal comprova sua identidade e lhe permite um final feliz.

Para Bettelheim (2002), “Borralheira” é o conto que melhor retrata as experiências internas de uma criança pequena no que diz respeito à rivalidade fraterna, quando ela se sente desprezada por seus irmãos ou irmãs. Borralheira passa por todo tipo de humilhação feito pelas irmãs adotivas e também pela sua madrasta, que pensa apenas nas próprias filhas. Para Borralheira restava apenas trabalhos sujos e exigências absurdas. A criança ao ouvir essa narração acaba por se identificando com a personagem, mesmo que a situação que estejam vivenciando não seja assim tão exagerada.

Quando uma história corresponde à maneira que a criança se sente, ela a toma por verdadeira e realista, oferecendo à mesma imagens vivas de suas emoções.

Qualquer que seja nossa posição na família, em certos momentos da vida somos conturbados pela rivalidade fraterna de uma ou outra forma. Mesmo um filho único sente que outras crianças levam vantagem sobre ele, o que lhe produz ciúmes intensos. Além disso, ele pode sofrer com um pensamento ansioso de que se tivesse um irmão, este seria preferido pelos pais. "Borrallheira" é um conto de fadas que tem uma atração tão forte para os meninos quanto para as meninas, pois as crianças de ambos os sexos sofrem igualmente com a rivalidade fraterna, e têm os mesmos desejos de serem resgatadas. (BETTELHEIM, 2002, p. 255)

É comum que algumas crianças pequenas sintam-se inferiorizadas e desvalorizadas, e para superar esses sentimentos elas precisam perceber o sentido destes sentimentos e também assegurar em um nível consciente e inconsciente de que serão capazes de superá-los.

O que mais chama a atenção na Borrallheira é o modo como independentemente da ajuda que recebe de sua fada madrinha, fundamentalmente ela tenha se esforçado grandemente para sair da condição degradante que se encontrava, superando obstáculos considerados intransponíveis. Dessa maneira "a criança passa a confiar que o mesmo será válido para ela, porque a estória se liga tão bem às causas conscientes e inconscientes de sua culpa".(BETTELHEIM, 2002, p. 259)

Falando de carências, temos por exemplo, o conto de Joãozinho e Mariazinha, contado pelos irmãos Grimm. Este conto retrata a situação que muitas crianças sofrem hoje: carência de comida e de afeto. Fato que leva os irmãos a serem abandonados, sozinhos em um lugar totalmente desconhecido. Como se não bastasse, são acolhidos por uma bruxa que vive em uma casa de doces e chocolates (símbolo da fartura), e embora as intenções da bruxa fossem as piores, unidos os irmãos conseguiram se livrar da malvada e solucionar o problema.

Bettelheim afirma:

"João e Maria" começa realisticamente. Os pais são pobres, e se preocupam como poderão cuidar dos filhos. Juntos, de noite, discutem o futuro deles, e o que poderão fazer por esse futuro. Mesmo em nível superficial, o conto de fadas folclórico transmite uma

verdade importante, embora desagradável: a pobreza e a privação não melhoram o caráter do homem, mas, sim, o tornam mais egoísta e menos sensível aos sofrimentos dos outros, e assim sujeito a empreender feitos malvados. (BETELHEIM, 2002, p. 172)

Depois de enfrentar e vencer todas as dificuldades edípicas, suas ansiedades e compreender que seus pensamentos devem ser substituídos pela ação, os personagens estão prontos para voltarem a viver com os pais. Entendem que eles não podem apenas esperar que coisas boas sejam oferecidas pelos progenitores, mas que precisam contribuir para o bem estar da família.

Andersen aborda o mesmo tema no conto A menina dos Fósforos, que vendia caixas de fósforos nas ruas para sobreviver, mas deparando-se com um frio tremendo em uma noite de Natal, vai acendendo-os um a um, e em cada chama a menina imagina coisas bonitas e maravilhosas, até que é acolhida em um abraço de sua avó, já falecida, sendo levada para onde não há mais fome, medo nem frio.

Este conto parece ter saído da realidade vivida atualmente, onde tantas crianças estão pelas esquinas e semáforos vendendo objetos, quando não vendendo a si mesmas, em troca de comida, roupa, teto...

[...]querendo estar dentro duma casa e não apenas enxergando seu interior pela janela e sendo protagonista de uma situação social injusta, cruel, desumana...Querendo ser recebidas com carinho, com amor, por sua família – como acontece com aquelas mais ricas – e desejando apenas que isso suceda enquanto ainda estão vivas, e não depois de sua morte... (ABRAMOVICH, 1991, p.133)

Entre tantos contos há aqueles que falam da identidade própria, do autoconhecimento, como por exemplo, o conto O Patinho Feio de Andersen, que sofrendo rejeição, maus tratos e desprezo por sua aparência, o patinho foge, mas continua sendo incompreendido por onde passa, até que por fim se descobre ser um belo cisne. Essa busca por sua identidade transcorre por uma longa trajetória, com dificuldades e sofrimentos, mas quando é encontrada “aí a beleza é total” (ABRAMOVICH, 1991, p.135).

A questão da identidade pessoal quando bem explorada com histórias ou contos auxilia a criança a conhecer e reconhecer seu espaço no mundo, a encontrar suas raízes e aceitar-se, bem como aceitar o outro com suas diferenças.

Inconscientemente a criança busca construir sua própria identidade e imagem, e no decorrer deste processo se depara com estímulos ou bloqueios aos seus impulsos.

A autoimagem, os medos, a curiosidade e inquietações naturais que surgem espontaneamente na infância, podem ser respondidas indiretamente por meio dos contos de fadas. A este respeito Coelho (2000, p.54) afirma: “o maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social.” Por meio de sua intuição, a criança compreenderá que estas histórias, mesmo sendo irreais ou inventadas, não são falsas, pois em suas experiências pessoais, elas são semelhantes.

Segundo Bettelheim (2002) “a criança é impulsionada a identificar-se com o belo e bom, mas não devido a sua beleza ou bondade, mas por encontrar nele a personificação de seus problemas infantis”.

Bettelheim em suas análises nos diz:

Quanto mais tentei entender a razão destas estórias terem tanto êxito no enriquecimento da vida interior da criança, tanto mais percebi que estes contos, num sentido bem mais profundo do que outros tipos de leitura, começam onde a criança realmente se encontra no seu ser psicológico e emocional. Falam de suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente compreende e - sem menosprezar as lutas interiores mais sérias que o crescimento pressupõe - oferecem exemplos tanto de soluções temporárias quanto permanentes para dificuldades prementes. (BETTELHEIM, 2002, p. 6).

Com o crescimento infantil algumas questões começam a acompanhar a criança: problemas psicológicos decorrentes das mudanças físicas; desapontamentos narcisistas e edípicos; rivalidade fraterna; deixar a infantilidade; reconhecer sua individualidade e valor; compreender sua responsabilidade moral e além de tudo isso, a criança ainda precisa compreender o que se passa dentro de si mesma.

Ela pode alcançar essa compreensão, junto à habilidade de enfrentar todas as situações acima citadas, mesmo não tendo o conhecimento racional do que se passa em seu inconsciente, mas familiarizando-se com ele por meio das fantasias que vão de encontro à essas pressões. A criança por si só adequa o conteúdo da

história, que em suas ricas dimensões estruturam os contos e também a personalidade infantil.

Dohme, afirma que :

Por meio dos exemplos contidos nas histórias, as crianças adquirem maior vivência. O contato com os impulsos emocionais, as reações e os instintos comuns aos seres humanos e o reconhecimento dos fatos e efeitos causados por estes impulsos, são exemplos de vida. (DOHME, 2011, p.18)

O inconsciente na criança e também no adulto, determina de maneira poderosa e significativa o comportamento humano. Se o inconsciente é reprimido e seu conteúdo não adentra no consciente, este também é sufocado ou então será forçado a manter um controle rígido e compulsivo sobre seu inconsciente, podendo tornar sua personalidade mutilada. Mas se o inconsciente tiver certa liberdade para surgir e for explorado no imaginário esses danos são altamente reduzidos. “Algumas de suas formas podem então se colocar a serviço de propósitos positivos (BETTELHEIM, 2002, p. 9)”.

Daí a importância de se trabalhar histórias que tocam diretamente em questões conflitantes para os pequenos, sem fugir de assuntos perturbadores.

Os conflitos internos profundos originados em nossos impulsos primitivos e emoções violentas são todos negados em grande parte da literatura infantil moderna, e assim a criança não é ajudada a lidar com eles. Mas a criança está sujeita a sentimentos desesperados de solidão e isolamento, e com frequência experimenta uma ansiedade mortal. Na maioria das vezes, ela é incapaz de expressar estes sentimentos em palavras, ou só pode fazê-lo indiretamente: medo do escuro, de algum animal, ansiedade acerca de seu corpo. Como cria um desconforto num pai reconhecer estas emoções no seu filho, tende a passar por cima delas, ou diminui estes ditos medos a partir de sua própria ansiedade, acreditando que abrigará os temores infantis. (BETTELHEIM, 2002, p.10)

As histórias oferecem o suporte exemplificado necessário para a criança assimilar e compreender, principalmente valores que, são complexos demais para seu entendimento.

Além de tantas outras finalidades, essas histórias ainda podem mostrar à criança o quanto é necessário suportar as dores, enfrentar dificuldades e correr riscos para se conquistar a identidade própria. “O final feliz acena com a esperança no fim das provações ou ansiedades (COELHO, 2010, p.56)”.

Os contos de fadas falam de carências, de abandonos, de traições, de temores e medos, de perdas, de amor; falam de conflitos gerados até mesmo pelos familiares mais próximos, ou daqueles em quem o personagem mais tem confiança, mas que nem por isso deixam de serem maus e perversos... e então, quando menos se espera e de onde nem se imagina, chega o socorro, a ajuda, a força (desde uma fada até um animal falante), mostrando que é possível superar qualquer obstáculo e alcançar um final feliz

Coelho acrescenta que:

[...] há uma identificação essencial entre as invariantes que estruturam essas narrativas maravilhosas e as exigências básicas que a vida faz de cada um de nós, para que nos realizemos plenamente como indivíduos e seres sociais. As personagens desses contos de fada, contos exemplares, parábolas, etc., nada mais são do que símbolos ou alegorias da grande aventura humana, que cada qual vive a seu modo, ou de acordo com as circunstâncias. (COELHO, 2010, p.116).

Essa analogia que existe entre as invariantes literárias (motivos que transformam o personagem em herói/heroína) e as do mundo em que vivemos, é que nos explicita e explica porque essas narrativas repletas de fantasias continuam a fascinar adultos e especialmente crianças em todo o decorrer do tempo.

3.5.1 Reforçando Valores por Meio das Histórias

Para viver em harmonia seja familiar ou socialmente, é necessário seguir regras que regem a conduta humana. Essas regras são essenciais para que se viva uma evolução constante, construtiva, harmoniosa e satisfatória.

Ao desejar transmitir valores educacionais, faz-se necessário realizar uma reflexão sobre quais valores se deseja repassar. E para isso alguns pontos devem ser analisados:

Quais valores são importantes para mim como educador?

Diante de tantos valores, quais realmente são essenciais?

Quais desses valores eu gostaria de construir?

Quais são realmente adequados a uma criança?

Diante dos meus recursos materiais e humanos, quais desses valores posso transmitir por meio do processo educacional?

Ao fazer esses questionamentos, certamente as respostas diversificarão de pessoa para pessoa, mas o importante é que a questão em si está sendo analisada e sistematizada.

Abaixo seguem alguns valores que podem ser trabalhados com as crianças de acordo Dohme (2011, p.21):

Alegria: estimular a boa disposição; inclinação a ver e mostrar o lado divertido das coisas;

Amor: desejar sempre o bem às pessoas, bem como ter apreço aos bens, ao meio que vive e às pessoas que o cerca;

Compartilhar: aprender a dividir o que possui com os demais. Reconhecer que os outros também têm direito de usufruir de pertences ou oportunidades igualmente;

Confiabilidade: exercitar uma conduta constante, capaz de conquistar a confiança das pessoas;

Cooperação: estar disposto a ajudar consistente e produtivamente;

Coragem: mesmo estando diante de situações novas, conflitantes ou desafiantes, manter uma postura resolutiva, perseverante e constante;

Cortesia: ser educado, afável e atencioso para com os outros;

Disciplina: obedecer a ordens já estabelecidas anteriormente; manter práticas que aprimorem a si mesmo e/ou sua comunidade;

Honestidade: tomar posse do que é apenas seu. Reconhecer seus limites em relação às outras pessoas; compartilhar sentimentos e atitudes de forma verdadeira;

Igualdade: compreensão de que todos possuem os mesmos direitos; não ser preconceituoso nem agir com distinções;

Justiça: capacidade em agir acima de seus interesses próprios; ouvir e entender o ponto de vista alheio;

Lealdade: incapacidade de trair, agir com falsidade ou enganosamente;

Limpeza: entender a importância da limpeza interior e exterior;

Misericórdia: ter reconhecimento e compaixão diante das necessidades e dificuldades alheias; aceitar e compreender que todos possuem limitações;

Paciência: ter tranquilidade ao esperar e conviver com as diferenças;

Paz: capacidade reconhecer quais os benefícios de se conviver em harmonia e de exercitá-la;

Respeito: estar atento às outras pessoas, considerando suas opiniões e atitudes;

Responsabilidade: manter-se consciente das suas obrigações e estar disposto a realiza-las. Conservar-se comprometido com aquilo que acredita e afirma, e como se comporta;

Solicitude: dispor-se a ajudar, prestar favores e serviços de maneira voluntariosa;

Tolerância: ter respeito e paciência por opiniões ou atitudes dos outros.

As histórias têm uma utilidade inquestionável em transmitir valores, pois retratam claramente às atitudes humanas e suas consequências. Como as crianças possuem dificuldades em compreender situações abstratas e isoladas de um contexto as histórias entram em cena levando a criança a realizar essa associação inconscientemente.

Dohme acredita que:

A criança é incapaz de raciocinar no abstrato. Assim, virtudes, maus hábitos, defeitos ou esforços louváveis que interferem no comportamento social do indivíduo, gerando consequências na sua vida, não podem ser entendidos com clareza pelas crianças. (Dohme, 2011, p. 23)

A história por si mesma realiza sua função: transforma o abstrato em concreto. Por exemplo: assim como a cigarra passou todo o verão cantando, passou Ou então: a lebre arrogante e tendenciosa foi vencida pela perseverante e lenta tartaruga.

Deve-se lembrar sempre que “Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e o revela muito mais tarde”.(PASWELS apud ABRAMOVICH, 1991, p. 24)

Quando essa compreensão é internalizada pela criança suas experiências de vida aumentarão, permitindo-lhe conviver melhor consigo mesma e com as pessoas que a cercam.

3.6 CONTAR HISTÓRIAS INCENTIVANDO O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Já foi possível compreender o quanto os contos contribuem para um desenvolvimento emocional sadio. Agora, será possível observar o quanto eles podem cooperar para um bom desempenho cognitivo.

De acordo Dohme (2011, p.18), com as histórias, pode-se trabalhar os seguintes aspectos internos e educacionais de uma criança (escolhendo cuidadosamente a história que abordará o tema desejado) :

a - Caráter: escolher histórias sobre fatos heroicos, que terminam com lições de vida, que o bem prevalece sobre o mal. Por meio de acontecimentos fictícios as crianças podem perceber as diversas alternativas que possuem, podendo prever as consequências que cada decisão pode acarretar. Assim ela adquire vivência e orientação para construir seus próprios valores;

b - Raciocínio: quando as histórias apresentam um enredo mais intrigante e são mais elaboradas, as crianças acompanham mentalmente, imaginando como agiriam em situação como a apresentada;

c - Imaginação: ao ouvir narrações intrigantes, as crianças a acompanham e adentram na história, podendo viver aventuras em terras estranhas, estar cara a cara com Hércules, conhecer o mundo selvagem, rituais indígenas... tudo é possível nas histórias. imaginar é uma necessidade da criança e não apenas um passatempo; a fantasia ajuda a formar sua personalidade e também possibilita a criança fazer combinações, conjecturas;

d - Criatividade: quanto mais a imaginação for alimentada, mais referenciais a criança possuirá, conseqüentemente, maior criatividade também. As emoções que a criança sente quando “pisam na lua”, “conhecem a China”, “enfrentam gigantes”, “falam com animais”, fazem a imaginação transbordar estimulando a criatividade;

e - Senso crítico: diante da falta de senso crítico das pessoas atualmente, e de como estão sendo levadas pela moda do consumismo e da futilidade, as

histórias surgem como ferramentas que incentivam a conhecer o que se passa ao redor, e conhecer também outras realidades, não ficando na mesmice e na indiferença. Desta forma, constroem uma personalidade altamente ativa, incentivada a identificar atitudes prósperas e reprimir atitudes danosas, visando ter uma vida útil e feliz;

f - Disciplina: quando o que será apresentado é algo que a criança gosta e que foi atentamente preparado para ela, aumenta-se a chance de que ela seja participativa e atenta. Ela ficará receptiva, pois, sabe que algo interessante está por vir: viajar na imaginação. Com o tempo a criança interioriza com maior facilidade as regras e passa a aceitar e praticar a disciplina espontaneamente.

Ouvir histórias frequentemente leva a criança a compreender que há momentos para tudo: para brincar, se divertir, e o mais importante, para prestar atenção.

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (ABRAMOVICH, 1991, p. 23)

Compreender esses fatos contribuirá para o aumento da sua capacidade em se concentrar e também para desenvolver uma atitude crítica relacionada ao seu próprio comportamento e dos demais, ou seja, levará a uma disciplina assumida e consciente.

Entre tantos estímulos proporcionados pela contação de história, não pode se esquecer do quanto elas contribuem para o desenvolvimento da oralidade.

A linguagem oral expressa os pensamentos, e quando a criança nomeia o que está a sua volta ela vai criando imagens mentais. Imagens que ficam arquivadas na memória e futuramente transformar-se-ão em pensamento. Rossini afirma que:

As histórias favorecem o desenvolvimento da linguagem, do pensar em suas fases evolutivas: imagem, imaginação criadora, observação, dedução e julgamento. Dizem que os olhos são os espelhos da alma e a fala é o espelho da personalidade. (ROSSINI, 2001, p.56).

De acordo Busatto (2010, p.6), falar com propriedade sobre um assunto solicitado proporciona fortalecimento ao senso de cidadania e às interações sociais, melhorando a capacidade argumentativa que marcam uma boa comunicação e conseqüentemente asseguram a um indivíduo uma autoestima elevada. Para tanto, é necessário que as pessoas possuam um rico repertório de vocabulário e de imagens, pois assim a mente é estimulada a criar textos na memória. Exercitar a oralidade irá auxiliar as crianças neste longo processo, contando e lendo histórias para elas e também ouvindo o que elas leem e contam.

Muitos educadores acreditam que a oralidade é uma aliada e grande ferramenta ao processo de alfabetização, porém não é apenas isso. Sua função é ainda mais complexa: ajuda a formar essencialmente o desenvolvimento da linguagem no ser humano, que antecede visivelmente o processo de aquisição da leitura e escrita.

A capacidade de pensar do homem está biologicamente relacionada com sua aptidão para falar, para estabelecer comunicação através do discurso oral, em qualquer dialeto que seu grupo linguístico tenha escolhido para seu uso, isto é, para fazer compartilhar entre seus membros. (HAVELOCK apud BUSATTO, 2010, p. 6)

Por esse motivo é essencial que no dia a dia escolar a narração oral e a leitura feita em alta voz ganhem espaço e real importância. A criança necessita exercitar a criação de histórias sejam elas ouvidas ou vividas, contar sobre o que viu, refletir, dialogar, discutir, argumentar. Cabe ao educador estimular constantemente a fala estética e a prática da locução oral. O exercício contínuo da linguagem organiza o pensamento; “levar a arte da oralidade para o contexto escolar implica estimular o aluno a se expressar, a buscar os sentidos para as coisas que os cercam e para sua vida.”(BUSATTO, 2010, p. 8)

3.6.1 A Literatura na Sala de Aula

A escola, hoje, é o espaço considerado privilegiado por possuir e proporcionar no ser humano as bases necessárias para sua formação como

indivíduo, principalmente para crianças que vivem sob condições financeiras e culturais muito rebaixadas.

Coelho afirma que:

E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e o conhecimento da língua, da expressão verbal significativa e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser. (COELHO, 2010, p. 16)

A escola da atualidade precisa dividir seu espaço em dois ambientes essenciais: o espaço de estudos programados (considerados salas de aula, bibliotecas para pesquisa, etc.) e o espaço de atividades livres (caracterizado por salas para leitura, espaço para experimentações, laboratórios, etc.).

Estes ambientes unificam-se para um objetivo comum: proporcionar ao educando uma assimilação de informações, conhecimentos e saberes ao mesmo tempo em que estimula suas potencialidades específicas e individuais.

Diante de uma ampla variedade de textos (contos de fadas, contos folclóricos, histórias de suspense, fábulas, lendas, textos bíblicos, etc.) surgem inúmeras possibilidades que podem ser exploradas por educadores em sala de aula, mas para tanto, se faz necessário repensar novas metodologias. É possível o aluno obter conhecimento a respeito de História, Geografia, Sociologia na própria Literatura, desde que o professor explore as opções.

É nítido que, para muitos professores (especialmente de alunos alfabetizados) Literatura resume-se a ler livros dentro de um prazo pré-estipulado e preencher fichas de leitura, que vêm acompanhadas de sentido obrigatório, de tarefa a ser cumprida, de apenas uma análise.

Ler por prazer é secundário, primeiro vem o dever. A vontade, o encantamento, o deleite, e o interesse ficam para depois.

É necessário deixar a criança “manusear, folhear, buscar, achar, separar, repensar, rever, reescolher, até se decidir por aquele volume, aquele autor, aquele gênero, que naquele determinado dia lhe desperta a curiosidade, a vontade inquietação”(ABRAMOVICH, 1991, p.140).Por isso é tão importante que as crianças

frequentem bibliotecas e livrarias: para que tenham liberdade em escolher como querem se deliciar.

Se a relação da criança com a Literatura for apenas pedagógica acabará por dificultar o potencial da mesma, pois “a literatura não tem obrigação com o conhecimento, mas promove o conhecimento (OLIVEIRA, 2010, p.43)”. Não somente porque induz a conceitos moralistas, mas porque amplia a capacidade de informações da criança, promovendo novas experiências e novos saberes.

Na educação infantil, onde os pequenos ainda não são alfabetizados é necessário que ocorram contatos permanentes com o mundo das palavras e também da escrita. O professor precisa intercalar seu trabalho com contação e leitura de histórias, pois nesta última a criança começará a se apropriar de aspectos característicos da cultura oral (ritmo, sintaxe, etc.).

Na educação infantil, ler com os ouvidos e escrever com a boca é mais fundamental do que ler com os olhos e escrever com as próprias mãos. Ao ler com os ouvidos a criança não apenas se experimenta na interlocução com o discurso escrito organizado, como vai compreendendo as modulações da voz que se anunciam num texto escrito. Ela aprende a voz escrita, aprende a sintaxe escrita, aprende as palavras escritas. (BRITTO apud SILVA, 2010, p.36).

A leitura em sala de aula pode ajudar a criança a desenvolver sua criticidade diante de fatos do cotidiano; vai levá-la a buscar novas opiniões, discordar, criar novos conceitos.

Abramovich nos esclarece:

Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... (ABRAMOVICH, 2001, p.143)

A partir de uma narração abre-se um leque de possibilidades para um educador com visão “dilatada”, por exemplo, é possível fazer novas leituras de um mesmo conto traduzindo-o para uma linguagem diferenciada como a história em quadrinhos, ou um poema; na aula de Arte é possível recriá-lo na linguagem visual, por meio de pinturas, massa de modelar, etc;

O desenvolvimento cognitivo pode sim ser explorado por meio das histórias, embora seu uso não deve ser obrigatório, nem forçado, mas sempre livre, espontâneo. A criança que teve contato com histórias e livros prematuramente, sentirá prazer, gosto e será estimulada a ouvir e ler mais, conseqüentemente, também terá mais facilidade e anseio em escrever.

3.6.2 A Imaginação e as Histórias sem Textos

Um tipo de livro infantil tem ganhado espaço nos últimos anos no Brasil, e já há mais tempo no exterior: os livros sem textos.

Desprezado por alguns, amados por outros, estes livros podem ser ricamente explorados no ambiente escolar e como recurso didático em sala de aula.

A autora consagrada Eva Furnari, por exemplo, têm lançado diversos livros como estes, mas com desenhos divertidos, coloridos, com figuras em movimentos e personagens expressivos. Livros que contam histórias infundáveis e de inúmeras possibilidades e assim “o leitor sorri, ri, se espanta, se encanta, [...]e fica brincando horas, olhando devagarinho ou depressa, formando e imaginando mil e uma histórias...”(ABRAMOVICH, 1991, p.29)

Ângela Lago também explora grandemente este estilo literário, com ilustrações riquíssimas e carregadas de detalhes minuciosos que levam o leitor a sorver mansamente cada um deles.

Juarez Machado, um dos primeiros escritores brasileiros a aderirem este estilo, trouxe-nos *Ida e Volta* e *Domingo de Manhã*, revelando a possibilidade da história circular, sem fim, utilizando desenhos grandes, coloridos, que mexem com a perspectiva dos olhos, aguçando a inteligência e os sentidos do leitor.

Não poderíamos deixar de falar de Mary e Eliardo França, que na coleção *Gato e Rato* trazem legendas curtas que poderiam ser dispensáveis devido o contraste com ilustrações visualmente impactantes e reveladoras.

Mesmo tendo ilustrações de talento inquestionável, estas obras nos mostram mais que um livro graficamente belo. Revelam a habilidade destes autores/desenhistas em construir uma narrativa sequenciada, totalmente completa, sem fazer uso de palavras. Estes livros mostram a:

“capacidade de contar uma história de modo ágil, vivo, usando traços moventes, conhecimento da cor e domínio da página, das páginas, do livro como um todo...De maneira harmônica, bonita, inteligente, cutucante... (ABRAMOVICH, 1991, p. 32)

Estas obras dão a criança inúmeras possibilidades para que ela use o verbo, “oralizando” essas histórias, acrescentando nelas um texto verbal, seja escrito ou falado, desenvolvendo situações sugeridas, acrescentando seus próprios detalhes, criando e recriando uma história a partir de determinada cena, fazendo suas misturas, sonorizando, inventando inúmeras probabilidades permitidas e estimuladas pelas narrativas visuais.

Estes livros acrescentam novas experiências visuais, de olhares múltiplos, enxergando com os olhos do leitor e do autor, ambos tendo visões diferentes do mesmo mundo.

Abramovich acrescenta docemente “e é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotador de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais...” (ABRAMOVICH, 1991, p. 33)

3.6.3 Escolhendo a História Ideal

Muitos são os gêneros literários a disposição, lendas, fábulas, contos populares, contos de fadas, narrativas curtas, e até mesmo narrativas apenas por imagens. A diversidade é imensa, mas é necessário fazer uma séria análise da obra a ser lida ou contada e não escolhê-la aleatoriamente. Deve se levar em conta a faixa etária do ouvinte, seus interesses, e também se o texto em si é significativo.

Coelho nos dá um excelente exemplo a este respeito:

A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral. Sabemos que o leite é um alimento indispensável ao crescimento sadio. No entanto, se oferecermos ao lactente leite deteriorado ou em quantidade excessiva, poderão ocorrer vômitos, diarreia, e prejuízo da saúde. Feijão é excelente, mas nem por isso iremos dar feijão a um bebê, pois fará mal a ele. Esperamos que cresça e seu organismo possa assimilar o alimento. A história também é assimilada de acordo com

o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial. (COELHO, 2008, p.14)

Atualmente há inúmeros livros infantis à venda, porém sabe-se que a qualidade literária de muitos, deixam a desejar. Dohme (2011, p.23), dá dicas úteis para escolher o texto de acordo o assunto predileto em cada faixa etária:

a - Até 3 anos: procure contar ou ler histórias de brinquedos, de bichinhos, animais que possuem características humanas, como falar, usar roupas, andar, etc., histórias em que os personagens sejam crianças;

b - Entre 3 e 6 anos: explorar histórias de fantasias, com fatos repetitivos e inesperados, e que os personagens sejam animais ou crianças;

c - 7 anos: os pequenos se interessam por enredos que se passam em ambientes que conhecem, como escola, bairro, a família; histórias de fadas e também fábulas;

d - 8 anos: idade em que as fantasias mais elaboradas e histórias ligadas à realidade são as mais atraentes;

e - 9 anos: gostam de aventuras que se passam em lugares distantes, como selva, oriente, outros planetas; também se interessam por histórias de humor, aventuras, de fadas bem elaboradas, de viagens e invenções;

f - 10 a 12 anos: narrações de explorações, mitos, invenções, lendas e viagens são as mais fascinantes nesta idade.

Algumas histórias não estão prontas para serem lidas exatamente como foram escritas. Muitas necessitam que o leitor faça uma adaptação verbal para facilitar ao ouvinte, compreendê-la. Sempre que uma história será lida, é importante que a mesma seja estudada anteriormente, pois não se pode correr o risco de improvisar e no decorrer da contação ocorrer tropeços ou desconfortos.

Às vezes leva-se algum tempo pesquisando em livros e revistas até se encontrar a história adequada à faixa etária e que atenda aos

interesses dos ouvintes e ao objetivo específico que a ocasião requer. É preciso também considerar o estilo e o gosto artístico do narrador. (COELHO, 2008, p.14)

Desta maneira fica claro que, para que a história realmente seja significativa e vá de encontro aos interesses e necessidades dos ouvintes, alguns critérios sejam levados em conta: o contador deve ser cuidadoso, sensível, além de apreciar o que irá contar, pois se ele próprio não sente emoção será impossível transmiti-la aos outros.

3.6.4 Dinamização no Momento da Contação e da Leitura

Trazer a criança para o mundo das histórias exige dedicação, preparo, boa vontade e entusiasmo por parte do educador. No cotidiano ele precisa dedicar um período do dia (da aula) para proporcionar aos alunos este momento de prazer e viagem.

É notável que muitos fatores influenciam positivamente na formação de uma criança atraída pelos livros e pela leitura, sendo alguns deles, por exemplo: dispor-se de um ambiente favorável à leitura, com pais que leem frequentemente e/ou que possuem biblioteca em casa; quando a criança frequenta a biblioteca escolar ou sala de leituras; quando convive com professores que se interessam por livros.

Porém, somente estes fatores não garantem um leitor de sucesso, mas sim quando todos estes se juntam a um agradável clima psicológico e afetivo durante o período de alfabetização.

Para as crianças, principalmente as pequenas, a hora da história um momento de proximidade com o contador; de intimidade, aconchego, carinho, cabendo a ele fazê-lo da melhor maneira possível.

3.6.4.1 Incentivando a leitura com práticas diferenciadas

O professor é um importante mediador entre o educando e o universo literário. Para tanto é fundamental que ele crie condições ricamente pedagógicas, mas além de tudo atraentes, que possibilitem incentivar o aluno a tornar-se um leitor. “O professor deve ser o guia dessas deliciosas viagens que possuem um ponto de partida e outro de chegada: o universo da literatura.”(FILHO, 2009, p. 78)

Filho (2009, p. 79) sugere algumas atividades práticas que podem ser utilizadas em sala de aula, visando estimular e inserir o aluno no mundo mágico da literatura.

Quebra-cabeça: pequenos textos literários como contos, lendas e fábulas, são digitados e divididos em partes que marcam a estrutura textual (início, desenvolvimento, final), para que os alunos montem o texto na sequência correta. Com esta atividade o aluno pode identificar as estruturas textuais em diferentes tipos de narrativas de uma maneira lúdica. De acordo a faixa etária o professor pode escolher textos mais ou menos extensos.

Rodas de leitura: nas rodas de leitura o professor pode propor aos alunos a leitura dramatizada, na qual é selecionado previamente textos com diversos diálogos e personagens e cada aluno se responsabiliza por ser um deles. De acordo a história vai acontecendo, cada um vai introduzindo suas falas. Desta forma o professor pode trabalhar a entonação da voz nas exclamações, interrogações, quando houver grito ou sussurro; reforçar as pausas dando atenção especial aos sinais de pontuação.

A contação de histórias também é um excelente recurso que pode ser proposto pelo educador, levando diferentes gêneros textuais e dividindo-os para a turma em grupos. A leitura pode ser feita no pátio, no jardim, em baixo de uma grande árvore, sentados na grama e onde mais a criatividade do educador o levar.

Oficina de arte: atividades artísticas podem ser feitas em conjunto às obras literárias lidas, na qual os alunos podem produzir bonecos de argila ou massa de modelar; fazerem pinturas representativas; produzirem bonecos de reciclagem e fantoches. Podem utilizar esses materiais para recontarem as histórias entre si mesmos e para outras turmas da escola;

Literatura digital: aproveitando a tecnologia a disposição nas escolas, e incentivando o acesso à sites de qualidade, o professor pode indicar e utilizar com os alunos páginas virtuais, na qual os mesmos podem interagir com hipertextos e construir novas possibilidades de leitura. Veja alguns exemplos: www.angela-

lago.com.br (Ângela Lago); www.capparelli.com.br (Sérgio Caparelli); www.docedeletras.hpg.ig.com.br ; www.reseanamurray.com (Roseana Murray).

A hora da novela: assim como as novelas se passam em capítulos, o professor também pode escolher alguma obra literária e lê-la em pequenos capítulos diariamente. Desta forma ele despertará a curiosidade nas crianças em procurar pelo livro, de tentarem descobrir o que virá a seguir. Para esta atividade, são indicados livros de aventura e mistério, pois instigam a curiosidade; podem ser lidos no final da aula ou previamente a uma produção de textos.

Fazendo mágica com palavras: nesta atividade o educador seleciona poemas curtos e pede que os alunos os leiam; depois de observar as palavras e as diferenças de um texto em prosa e o texto poético, as crianças recebem palavras para construir pequenos textos. Desta maneira o aluno começa a perceber que as palavras podem assumir diferentes significados de acordo o texto.

Estas são apenas algumas sugestões que o professor/educador pode propor a sua turma incentivando-a a perceber o encanto que se pode encontrar nas palavras, tornando sua aula mais dinâmica e prazerosa.

3.6.5 E Depois da História?

Muitas vezes surgem dúvidas e dificuldades em dar continuidade à aula após a história, mas é necessário lembrar que “a história não acaba quando chega ao fim (COELHO, 2008, p.59)”

Após a história é sempre produtivo acrescentar atividades que virão para enriquecer e acrescentar significado ao que os alunos ouviram.

Diversos tipos de atividades podem ser desenvolvidas, de acordo a história, e abaixo seguem algumas sugestões, lembrando que, a participação nas atividades não deve ser imposta, participando apenas os que assim desejarem.

a – Dramatizações: nesta atividade, as crianças poderão representar a história, cada um escolhendo um papel, sem ensaios prévios, podendo acrescentar vestuários e cenário. Crianças que não participarão como personagens podem ser partes vivas do cenário, como árvores, flores, vento,

etc.; o narrador não deve interferir, apenas os espectadores que provavelmente corrigirão falas, ações e atitudes. Grande vantagem da dramatização é que auxilia alunos a se desinibirem;

b – Pantomima: se caracteriza por reproduzir a história por meio das expressões corporais, sem fazer uso da voz; é indicada para reproduzir apenas trechos ou situações específicas. A pequena vendedora de fósforos, O flautista de Hamelin, Filó e Marieta são excelentes histórias para esta atividade;

c – Desenhos, recortes, modelagem, dobraduras, pinturas com guache: quando utilizados estas estratégias, não é conveniente propor apenas desenhos, pois cada criança tem sua individualidade. É bom que cada uma tenha oportunidade de expressar-se da forma que preferir;

d – Criação de textos escritos e orais: quando se pede que as crianças produzam seus próprios textos, é bom propor novas formas de escrever, como versos, prosa, quadrinhos, etc., podendo até mesmo criar um final diferente para esta história. Estas histórias podem ser reunidas em coletânea e também serem ilustradas;

e – Brincadeiras: acrescentar ao término da história cantigas, músicas, adivinhas, parlendas, brincadeiras de roda, etc., tornam o momento ainda mais lúdico e especial;

f – Construção de maquetes: a turma pode ser dividida em grupos e cada grupo recebe cenas da história, para representarem com materiais disponíveis. Nesta atividade a interação do grupo, a divisão de responsabilidades e o estímulo da criatividade enriquecem o momento grandemente;

g – Propaganda do livro: a propaganda pode ser feita pelos alunos por meio de desenhos, cartazes, frases ou somente expondo oralmente o que sentiu ao ler o livro. Esta atividade tem o intuito de estimular o hábito pela leitura e

incluir a literatura nas conversas das crianças; a criança precisa ter liberdade para expressar sua opinião sobre o livro que leu, pois a postura crítica se constrói pelo aprendizado;

Estas atividades, por mais simples que algumas pareçam ser, precisam ser planejadas, antes mesmo de começar a história. O sucesso da aula dependerá de como foi traçado e pensado todo o seu roteiro.

Filho acrescenta:

Só se formam leitores por meio de atividades de leitura, e estas devem ser compatíveis com a competência de leitura do indivíduo, mas devem oferecer meios e estímulos para que o leitor vença outras etapas, consiga decifrar novos códigos e se torne cada vez mais plural. (FILHO, 2009, p. 89)

Ler para a criança irá fazer com ela tome gosto pelas palavras, pelos livros e conseqüentemente pela leitura, sendo um leitor de sucesso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar este trabalho pode se chegar a conclusão de que a Literatura Infantil pode auxiliar as crianças, especialmente as pequenas a desenvolverem-se emocionalmente e cognitivamente, levando alguns educadores a repensarem a prática e renová-la diariamente, deixando-a cada vez melhor e mais significativa para a criança.

Hoje a mídia tem estado acessível a grande parte da população, e exerce fascínio às crianças, desta forma o professor pode utilizá-la em sala de aula, visando não apenas dinamizar o trabalho escolar, mas também complementá-lo.

Muitas crianças chegam à escola com carências e ausências que comprometem seu desenvolvimento físico, emocional e psicológico. Se contar histórias vai ajudá-las a serem pessoas melhores e sadias emocionalmente, o professor pode buscar esta alternativa para ajudar seus alunos.

Ser educador é ser mais que um transmissor de conteúdos e informações. É fazer parte do desenvolvimento do aluno, partilhando de seus fracassos e de suas vitórias. É incentivando-o a não desistir quando as derrotas chegam e mesmo que estas palavras não sejam ditas tão claramente as histórias infantis as levam a esta mesma conclusão.

Os contos de fadas, em especial, podem auxiliar as crianças pequenas em inúmeras áreas na qual ela não consegue expressar-se ainda por falta de maturidade. Por tratarem de assuntos tão comuns na infância podem contribuir para que as mesmas possam progredir e enriquecer suas experiências.

Questões como, por exemplo, morte, sentimentos de inferioridade, rivalidade entre irmãos, identidade e aceitação pessoal são exemplos de áreas na qual algumas crianças precisam ser trabalhadas para desenvolverem-se de maneira sadia emocionalmente. Histórias engraçadas, tristes, divertidas, de aventuras, podem ensinar, reforçar e/ou incentivar de forma dinamizada sobre todo tipo de assunto, desde valores, regras de convivência social e até sobre o medo e a morte.

É de grande importância que assuntos conflitantes e perturbadores não sejam deixados de lado quando se escolhe uma história a ser contada, pois estes assuntos irão preparar a criança para lidar com estas situações futuramente, na vida adulta.

Além destas influências a Literatura também pode ser um suporte no desenvolvimento cognitivo da criança. Histórias intrigantes podem estimular o raciocínio, a curiosidade e a criatividade, levando a criança a criar e recriar situações mentalmente, seguindo linhas de raciocínio lógico.

Pode ainda ajudá-las a desenvolverem senso crítico, pois conhecem, por meio da leitura, a realidade de onde vivem e do mundo como um todo, mesmo sem saírem do lugar.

A histórias podem favorecer o progresso da linguagem oral, permitindo à criança criar imagens mentais e expressar-se por meio da fala, nomeando e relatando o que sua imaginação criou.

Pode se concluir também quão tênue é a linha entre o estímulo à oralidade e o sucesso na alfabetização, que é caracterizada principalmente pela fluência e compreensão na leitura. Sendo estes últimos difíceis de serem alcançados se a criança não foi estimulada e despertada para o mundo das palavras.

Ao estudar a obra de Bettelheim, é possível compreender o real valor que as obras literárias de qualidade possuem, no que diz respeito a influência que exercem sobre os pequenos. De igual modo, autores consagrados como Abramovich, Coelho, Dohme e outros que foram citados no decorrer desta pesquisa, contribuem grandemente para a formação docente, desfazendo-se de velhos conceitos, e mudando a ótica a respeito da Literatura.

Enfim, é necessário inovar metodologias, dinamizar as aulas, trazer a criança pra perto e tocá-las com as metáforas contidas nas histórias.

Este trabalho não teve por intuito excluir as tecnologias e mídias do processo educativo, mas é necessário refletir se seu uso está sendo utilizado de maneira adequada. Fazer uso destes recursos eficientemente como auxílio na contação de histórias e inovação da prática em sala de aula, enriquecerá o trabalho docente e tornará as aulas mais dinâmicas e atraentes, possibilitando um melhor aprendizado e desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Editora Paz e Terra, 2002.

BURGIERMAN, Dennis Russo. **O feto aprende**. Super Interessante, Edição 130, Julho 1998. Artigo disponível em: <<http://super.abril.com.br>> Acesso em: 30 abr.2014.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011

_____. **Práticas de oralidade na sala de aula**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

COELHO, Betty. **Contar histórias - uma arte sem idade**. São Paulo: Editora Ática, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

_____. **O conto de fadas: símbolos – mitos - arquétipos**. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.

CORSINO, Patrícia. **Literatura na educação infantil**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

DOHME, Vania D'Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2011

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

LOWEN, Alexander. **Bioenergética**. São Paulo: Editora Summus, 1982.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de. **O professor como mediador das leituras literárias**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

PAIVA, Ludmilla Ortiz. **Para estimular a fala, converse com o bebê antes mesmo de ele nascer**. São Paulo: 2013. Artigo disponível em: <<http://mulher.uol.com.br>> Acesso em: 30 abr.2014.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

SCHNAIDER, Marcelo José. **Tutorial de pesquisa bibliográfica**. Universidade Federal do Paraná, 2013. Artigo disponível em: < <http://www.portal.ufpr.br>>. Acesso em: 30 abr.2014.

SILVA, Márcia Cabral. **Experiências de leitura no contexto escolar**. Brasília, Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

VASCONCELOS, Yuri. **A vida dentro do útero**. Artigo disponível em: <<http://resvistacrescer.globo.com>> Acesso em: 30 abr.2014.

VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara, **Etapas do desenvolvimento emocional**. Curitiba: Centro Reichiano, 2006. Artigo disponível em: <<http://www.centroreichiano.com.br>> Acesso em: 30 abr.2014.

YUNES, Eliana, PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: Editora FTD, 1989.

ANEXOS

ANEXO A

Recursos auxiliares

Antes de escolher determinado recurso, é essencial que o educador estude a história. Este é o principal e mais decisivo fator para uma narração de sucesso. Após o estudo o narrador poderá optar por algum recurso, sendo alguns deles citados e explicitados adiante.

a – Narração simples: se caracteriza pela maneira mais antiga de contar histórias e também a mais tradicional. Reflete a autenticidade e individualidade do contador. Não demanda de nenhum acessório ou objeto, utiliza somente a voz do narrador; este recurso proporciona ao ouvinte uma maior liberdade em imaginar e recriar mentalmente cada cena, estimulando a criatividade, além de permitir sentir intensamente cada emoção.

b – Utilizando o livro: se as ilustrações do livro forem ricas, fartas e o complementarem, este poderá sim ser utilizado como recurso; em livros assim o livro se impõe como forma de apresentar a história. Expor o livro desta maneira incentiva o gosto pela leitura (mesmo quando a criança ainda não foi alfabetizada) e também contribui para desenvolver a sequência lógica do pensamento da criança. As páginas do livro devem ser viradas lentamente enquanto o narrador dá sequência à história, evitando fazer comentários quanto às ilustrações, deixando que as crianças percebam os detalhes por si mesmas;

c – Gravuras: quando o livro é muito pequeno, as ilustrações antecipam o que ainda não foi contado, ou por algum outro motivo atrapalham a sequência da história, uma ótima alternativa é reproduzir as gravuras, sejam ampliadas e coladas em cartolina ou até mesmo projetadas em slides por um *datashow* ou retroprojetor. Esta alternativa favorece principalmente as

crianças pequenas, pois lhes permite observar detalhes além de auxiliá-las a organizar melhor o pensamento;

d – Flanelógrafo: embora este recurso seja pouco conhecido e usado atualmente, pode ser utilizado em histórias em que o personagem principal entra e sai de cena diversas vezes. Consiste em um quadro coberto com flanela, que servirá como cenário; as figuras (personagens em diferentes posições) utilizadas na história podem ser feitas de flanela, feltro ou até mesmo de papel. No verso das figuras colam-se pedaços de lixa de madeira fina para aderir às figuras no quadro;

e – Fantoches: adorados pelas crianças, podem ser usados por mais de um narrador e para facilitar a contação, o texto pode ser escrito. Os fantoches interagem com as crianças e as mesmas podem manuseá-los depois;

f – Teatro de sombras: projetando luz sobre figuras em uma superfície opaca o narrador terá um belo efeito nas sombras; os personagens podem ser feitos de espuma, tecidos com enchimento e até mesmo figuras de papel, e durante a narração pode conter músicas e efeitos especiais;

g – Dobraduras: não é uma técnica acessível a todos, mas para quem tem talento é efeito na certa! Proporciona uma surpreendente interação com as crianças, desde que acompanham a narrativa;

h – Maquete: podem ser feitas de materiais simples como papelão, crepom, bonecos de feltro, e um narrador habilidoso;

i – Bocões: são grandes bonecos utilizados pelo narrador, que sentados em seu colo contarão a história; as crianças adoram e acabam se esquecendo da presença do narrador;

j – Marionetes – bonecos confeccionados cuidadosamente e que se movimentam por fios presos nas partes do corpo; podem ser utilizados em

histórias com muitos movimentos e engraçadas, pois os bonecos são esguios e ricos em movimentos;

k – Dedoches: embora sejam bem pequenos, estes fantoches próprios para os dedos são uma alternativa econômica e de fácil manuseio, podendo ser utilizados pelas crianças; sua desvantagem é que não pode ser usado em um ambiente com muitas crianças devido a visibilidade ser pequena;

l – Interação entre narrador e ouvinte: esta interação se dá em uma participação dos ouvintes, seja com palavras ou frases que se repetem em momentos determinados, ou de músicas que também se repetem no decorrer da narração;

A utilização destes recursos não é obrigatória numa contação de histórias, mas com certeza enriquecerá este momento, tornando-o mais prazeroso e atraente. Certamente ao decorrer das experiências, surgirão novas ideias para serem postas em prática pelo contador de histórias não ficando restrito apenas a estas.